
POR UM ENSINO DE GEOGRAFIA QUESTIONADOR E REFLEXIVO UTILIZANDO FOTOGRAFIAS DO LIVRO DIDÁTICO

FOR A QUESTIONING AND REFLECTIVE GEOGRAPHY TEACHING USING PHOTOGRAPHS OF THE DIDACTIC BOOK

Alcimar Paulo Freisleben¹

Nestor André Kaercher²

RESUMO: O artigo busca entender como as fotografias do livro didático de Geografia podem auxiliar num ensino de Geografia baseado no questionamento e na capacidade reflexiva do aluno. Este trabalho utiliza como base a pesquisa da tese de doutorado (POSGEA – UFRGS, 2018); onde foram analisadas as fotografias do espaço urbano brasileiro que compõem os livros didáticos de Geografia (LDG's) dos últimos setenta e oito anos. Além das fotografias conhecidas das áreas centrais das grandes capitais brasileiras, procuramos analisar também aquelas de espaços esquecidos pelo poder público e pela mídia, mas que muitos LDG's não pretendem esconder dos alunos. Na verdade, estas fotografias podem servir de combustível para a reflexão crítica e a compreensão das desigualdades e contradições presentes na nossa sociedade atual.

Palavras-chave: Fotografia. Livro Didático. Comunidades. Ensino de Geografia.

ABSTRACT: The article seek to understand how the photographs of the Geography didactic book can help in a Geography teaching based on the student's questioning and reflective ability. This work uses as base the research of the doctoral thesis (POSGEA - UFRGS, 2018); where we analyzed the photographs of the brazilian urban space that make up the Geography didactic books of the last seventy-eight years. In addition to the well-known photographs of the central areas of the major brazilian capitals, we also sought to analyze those of spaces forgotten by the public power and the media, but which many Geography didactic books do not intend to hide from students. Indeed, these photographs can serve as fuel for critical reflection and understanding of the inequalities and contradictions present in our current society.

Keywords: Photography. Didactic Book. Communities. Geography Teaching.

1 Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: uttamadesign@gmail.com.

2 Doutor em Geografia e Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia (POSGEA) e da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: nestorandrek@gmail.com.

Artigo recebido em setembro de 2019 e aceito para publicação em janeiro de 2020.

INTRODUÇÃO

Entre o bombardeio de informações que recebemos diariamente, as mensagens baseadas em elementos visuais como as fotografias são as mais numerosas. Elas entram em nossos lares, no trabalho e até nos nossos momentos de lazer, por meio da internet, do jornal, da revista, da televisão e dos outdoors espalhados pela cidade. O ambiente da escola (e da universidade) não estão imunes a este bombardeio constante, portanto devem buscar repensar suas práticas cotidianas e encontrar maneiras criativas e didáticas de utilizar estas fotografias em benefício do aprendizado. A sociedade atual é regida por dinâmicas sociais no espaço urbano - já que atualmente grande parte da população se concentra nas cidades, local onde estabelecemos nossas relações sociais, como de amizade, familiar, cultural etc. - e também por processos de aprendizagem, sobretudo, aqueles mediados pelas fotografias presentes nos Livros Didáticos (LD's).

Devemos entender que fotografia não substitui textos ou outras fontes de informação do LDG, mas ela complementa ou é complementada por estas fontes, na busca da verdade que pretende se estabelecer. Por esta razão a leitura do espaço através da fotografia deve ser feita numa perspectiva problematizadora onde prevaleçam questionamentos sob diferentes pontos de vista, de modo a facilitar as múltiplas interpretações dos alunos.

O documento fotográfico pode ser definido como uma fonte histórica não verbal, que demanda uma linguagem própria, com mensagens imagéticas, e de caráter polissêmico. Acreditamos que a fotografia não tem um caráter meramente ilustrativo, visto que ela é reveladora de conteúdos e detalhes, que muitas vezes o texto não consegue mostrar.

Na definição de Kossoy (2001), a fotografia é um documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Seus conteúdos despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros, que observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que as imagens tiveram origem.

Os registros fotográficos eleitos a compor os processos geográficos, é o que poderíamos chamar de *fotogeografia* (união entre a fotografia e a Geografia). E que permitem que o olhar do fotógrafo (e do leitor da fotografia), vislumbre as transformações (ambientais, sociais, históricas), que ocorrem no espaço geográfico, e que diante do seu papel de suscitar diversas leituras, permitam a construção de uma narrativa precisa dos fenômenos, paisagens e espaços registrados.

Para Silva e Moura (2004, p. 180-181):

A imagem é entendida de várias maneiras, possui funções representativas, informativas, simbólicas, documentais, expressivas, pedagógicas, entre outras. Estas funções podem ser captadas nas mais diversas paisagens, pois a fotografia é um instrumento que a maioria dos fotógrafos profissionais utilizam para captar fragmentos da paisagem. As funções das imagens decorrem dos objetivos que se quer alcançar. Sendo assim, uma mesma imagem pode possuir diferentes funções atendendo a interesses distintos.

A fotografia é uma representação que possibilita registrar, ver e interpretar o mundo. É um instrumento de conhecimento e de história ao fornecer informações sobre objetos, lugares e pessoas, em formas visuais tão diversas, e preservá-los no tempo pela sua representação. As imagens com valor documentário, na explicação de Kossoy (2001),

representam um meio de reconhecimento da cena passada, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sócio-histórico. Diante dessas considerações, podemos afirmar o perfil transdisciplinar do documento fotográfico.

Buscaremos neste artigo identificar os significados das imagens fotográficas dos LDG's e o papel didático/pedagógico destas fotografias para o ensino de Geografia. Para isso, é necessário compreender que “educação é mediação e que por ela a humanidade se desenvolve cultural e historicamente. Significa que uma geração herda o modo de vida com os seus respectivos meios e na relação de produção e de acordo com sua época” (FREISLEBEN; FRANCISCHETT; PREZENTE, 2010, p. 06), e modifica o espaço conforme suas necessidades e perspectivas.

A produção do conhecimento, para Siman (2004), não ocorre diretamente entre sujeito e objeto, passa pela ação mediadora de professores, linguagens, signos, entre outros. A fotografia, por ser uma linguagem (imagética), atua como mediadora para a percepção e para o processo de construção do conhecimento deste mundo.

Quando se apresenta uma imagem ao aluno (fotografia, pintura, gravura etc.), ele pode associar a imagem que está vendo às informações que já possui, levando em conta seu conhecimento prévio. Quando se trabalha com a análise de uma imagem, alguns procedimentos são necessários no processo de ensino e aprendizagem, para que não se perca a intencionalidade: usar imagens sempre como forma de aprendizado e conhecimento.

Freisleben e Kaercher (2016), nos alertam sobre sua utilização:

Qualquer imagem precisa ser bem utilizada e bem explorada e, quando necessário, articulada a um texto, passível de ser interpretada, pois, representa uma determinada época. Dessa forma, se constituirá em uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e de conhecimento, a partir da qual o aluno pode perceber diferenças e semelhanças entre épocas, culturas e lugares distintos (p. 120).

Nossa percepção do mundo, nosso modo de pensar e agir, estão cada vez mais moldados e educados pelo visual. Desde cedo, nosso olhar é educado a decodificar as informações imagéticas que chegam por vários tipos de mídia. E as informações presentes nas imagens fotográficas favorecem a compreensão dos sujeitos, o que é uma grande vantagem desse método.

Como a sociedade atual prioriza a imagem como um dos principais elementos de comunicação, se não soubermos ler seus significados, não conseguiremos identificar sua unidade e sua lógica. Então “o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto?” (BENJAMIN, 1994, p. 35).

A importância cultural e universal que a fotografia representa no mundo atual, nos mostra a urgência de um ensino voltado ao alfabetismo visual. Conforme Freisleben (2018, p. 53), “na escola onde a hegemonia é do texto (escrito e falado), a fotografia é vista como um recurso menor. Mas na sociedade contemporânea construída em redes sociais e baseada no uso de tecnologias e imagens, a fotografia se tornou estratégica”.

AS FOTOGRAFIAS DE ESPAÇOS URBANOS ESQUECIDOS

Analisar o espaço urbano através de uma imagem (como a fotografia) consiste em observar, descrever, refletir e interpretar suas diferentes expressões e as suas contradições, atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem. Tonini (2003), nos

alerta que as imagens e os discursos difundidos, tratam de diferentes posições sobre as dimensões físicas, sociais, econômicas e culturais.

A disseminação dessas infografias atua no imaginário dos alunos favorecendo determinados interesses e espacialidades geográficas (em detrimento de outras), produzindo significados específicos e estereotipados, legitimando uma ordem estática sem referência às mudanças, alteração de funções, ignorando a instabilidade histórica e as contradições sociais (p. 16).

Mas como as imagens do espaço urbano são construídas pelos alunos? São construídas pela suas práticas sócio-espaciais cotidianas, que produzem seu modo de vida, seus desejos e valores. Pela busca ao direito à cidade, a um lugar em que eles se identifiquem. “Os alunos inseridos em seus contextos socioculturais, com suas interações, criam e produzem suas próprias culturas. Assim no seu cotidiano, estabelecem formas próprias de ler e explicar o espaço, sendo sujeitos geográficos” (THEVES, 2018, p. 70).

As imagens que cada um cria da cidade sofrem a influência de vários agentes do espaço, como a mídia, os gestores, os planejadores, os agentes imobiliários, e a própria população que se utiliza desse espaço. Os alunos como sujeitos integrantes na construção de práticas espaciais da cidade, também possuem uma relação com os espaços de seu convívio cotidiano e é na escola; principalmente nas aulas de Geografia; que ele vai compreendendo melhor esta relação (subjéctiva/sentimental) com sua cidade.

A fotografia como uma das linguagens visuais mais presentes na nossa sociedade, impacta diretamente a emotividade do aluno, isso significa que os signos visuais, antes de adquirirem um significado racional, penetram na mente de uma forma muito mais direta. O aprendizado de conceitos, a crítica e a reflexão sobre o significado de uma imagem, não se realizam exclusivamente através de meios racionais ou lógicos. É um processo que além de subjéctivo, está em permanente construção/reconstrução.

Através da forma da sociedade se organizar em determinados territórios, de influenciar determinados espaços, de usufruir de lugares específicos, de deslocar e viver na cidade vão formando sua imagem da cidade e construindo a partir daí sua prática espacial, conforme Santos (2007). As imagens da cidade são construídos pelas ideologias dominantes (Estado, publicidade), pela internet, pela TV e pelas fotografias (impresas e digitais) nos diversos materiais que utilizamos no nosso cotidiano, inclusive os LD's.

Na nossa pesquisa com LDG's do ano 1937 até o ano de 2015, percebemos que fotografias de espaços precários de infraestrutura e negligenciados pelo poder público; como a periferia das capitais e as comunidades (também conhecidas como favelas); aparecem com mais frequência no final da década de 1970 - sob forte influência da Geografia Crítica, com o professor Milton Santos como o principal expoente, que em 1978 lançou a obra: *Por Uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica* - e na década de 1980 com a Geografia Ativa nos LDG's da professora Zoraide Beltrame.

As comunidades no Brasil, são consequência do retorno dos soldados combatentes nas guerras do Paraguai (1870) e dos Canudos (1897), que ocuparam as encostas dos morros próximos a região do centro (principalmente no Rio de Janeiro). Mas conforme Costa (1865), antes disso, uma parte de nossa população pobre, que foi expulsa do centro da parte antiga da cidade, onde as casas eram mais caras, vão habitar os arredores dos morros no coração da cidade, formando assim o embrião das futuras comunidades. Um espaço

que traz desde os seus primórdios muitos estigmas como: a pobreza, o adensamento, a ilegalidade, a insalubridade, a violência, a desordem, a autoconstrução, a falta de serviços e infra-estrutura urbana, há certamente uma estreita relação entre os primeiros casebres esparsos e as enormes comunidades que logo se tornariam parte da paisagem fluminense.

Para entendermos a formação das comunidades do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras é necessário, segundo Vaz (1994), considerar que no cenário urbano muitas transformações ocorrem lentamente; quando são percebidas, revelam processos que materializaram tendências há muito latentes. Para analisá-las é preciso buscar conexões entre os fenômenos no tempo e no espaço. As comunidades só se tornaram um fenômeno reconhecido oficialmente na década de 1940; sua história, suas origens e sua expansão inicial, é ainda uma lacuna na história do Brasil.

As comunidades do Rio de Janeiro teriam surgido, segundo Almeida (2016), como consequência da aceleração do processo de urbanização e estariam historicamente associadas ao combate aos cortiços no centro do Rio de Janeiro (sem ter para onde ir, os moradores dos cortiços construíram suas moradias improvisadas nos morros). A população removida das habitações coletivas e os fluxos de populações imigrantes, somado à reduzida oferta de empregos e de habitações baratas, teriam levado à ocupação dos morros da cidade.

Para Freisleben (2018), o motivo para que as fotografias das comunidades não aparecerem ao grande público antes de 1940, não era porque elas não existiam, mas simplesmente por ser um fenômeno social que não mereceu atenção do poder público, nem da imprensa daquela época. Somente no final dos anos 1970 e início do anos de 1980 que alguns pesquisadores se preocuparam em estudar com mais profundidade este problema urbano. Consequentemente estes locais antes de 1980 eram pouco pesquisados e pouco fotografados, e nem os meios de comunicação, nem o governo e a sociedade, discutiam o problema com a devida atenção.

Assim, percebemos uma relação direta entre o aparecimento das comunidades no processo de modernização do espaço urbano de algumas capitais e a exclusão sócio-espacial de uma considerável parcela da população menos favorecida. E este fenômeno, apesar de algumas diferenças de escala, se repete em outras cidades brasileiras.

Autores de LDG's que se identificavam com a Geografia Crítica, empenharam-se em produzir LDG's - nas décadas de 1980 e 1990 - com novas temáticas voltada à ruptura com o caráter descritivo/informativo do conteúdo escolar. O resultado foi LDG's com mais informações e qualidade de análise, em relação ao livros anteriores, com textos e fotografias que traziam temas mais voltados a reflexão e a problematização e que levassem em conta as múltiplas dimensões da realidade urbana brasileira, problematizando as desigualdades e as contradições socioespaciais.

Para Freisleben (2018), precisamos refletir sobre a situação das comunidades no Brasil, e encarar o desafio do planejamento e gestão das cidades que leve em consideração não só o direito à moradia digna e de qualidade como um direito humano, mas também o direito à vida que tem sido constantemente ameaçado e discutir as condições de vida nestes espaços esquecidos, seja para uma reflexão acadêmica, seja para pensar a atuação sociopolítica em contextos de cidadania escassa.

As comunidades não eram mostradas nos LDG's antes dos anos 1980, porque:

A preferência era por fotografias de um Brasil em construção, moderno sem problemas sociais ou ambientais. Interessava mostrar a imponência dos prédios e viadutos de São Paulo, a modernidade de Brasília, as belas paisagens do Rio de Janeiro, Salvador, entre outras capitais (FREISLEBEN, 2018, p. 121).

Após a década de 1980 os LDG's começam a mostrar - além das fotografias das belas paisagens brasileiras - os problemas, os contrastes e contradições presentes no espaço urbano. Assim, selecionamos algumas fotografias que mostram comunidades de cidades brasileiras, como esta na beira de um córrego na cidade de São Paulo, do livro de Igor Moreira de 1981.



Foto: Antonio Santos

Fonte: *O Espaço Geográfico, 2º grau, 1981.*

Fotografia 1. Moradias precárias na beira de um córrego em– São Paulo (1978)

A Fotografia 2, do livro de Sonia Castellar e Ernesta Zamboni, mostra um problema recorrente que atinge muitas cidades brasileiras todos os anos, principalmente aquelas com morros em suas áreas urbanas: os deslizamentos de terra.



Foto: Epitácio Pessoa/AE

Fonte: *Geografia – Ensino Fundamental, 2001.*

Fotografia 2. Comunidade em área de risco - Campos do Jordão

E esta Fotografia 3, de uma área de ocupação do MST, retirada do livro de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira. Onde as moradias são mais precárias que as das comunidades, pois são feitas basicamente de uma estrutura simples de madeira com um teto e paredes revestidas de lonas plásticas, muitas sem janelas e com piso de terra. Podemos imaginar o calor e a insalubridade no interior destas barracas?

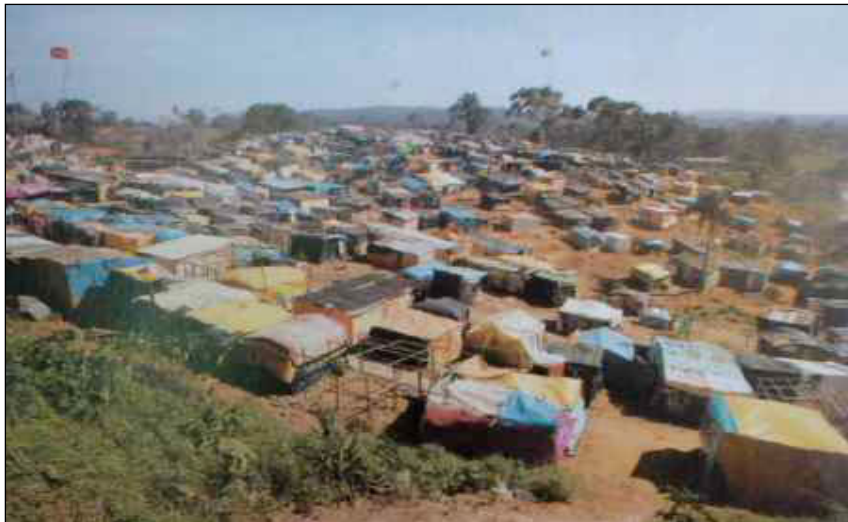


Foto: Marcio Fernandes/AE

Fonte: *Geografia e Cidadania* – Ensino Fundamental, 2009.

Fotografia 3. Acampamento de trabalhadores sem terra em Itapeccerica da Serra

Na nossa pesquisa percebemos que com o passar do tempo as fotografias que retratam as comunidades, começaram a mostrar não somente estas em primeiro plano, mas também a cidade moderna e rica ao fundo, ou vice-versa, (em alguns casos, quando se retratava a cidade em primeiro plano, aparecia uma comunidade atrás). Ambos os ângulos denunciam o contraste entre estes dois espaços, que teimam em ser um só. E este contraste entre o mundo da pobreza e o da riqueza, vai crescentemente fazer parte das fotografias que compõem os LDG's, como a Fotografia 4, retirada do livro de José W. Vesentini de 1991.



Foto: Autor desconhecido

Fonte: *Brasil: sociedade e espaço, 1991*

Fotografia 4. Comunidade do Paraisópolis – São Paulo

A Fotografia 5, (do livro de Demétrio Magnoli e Regina Araújo) também mostra o contraste dos edifícios imponentes do Bairro Morumbi e as moradias precárias da comunidade de Paraisópolis em São Paulo.



Foto: Delfim Martins/A nova Pulsar

Fonte: *Geografia*, 1992

Fotografia 5. Comunidade de Paraisópolis. e Bairro do Morumbi – São Paulo

Segundo dados da Prefeitura de São Paulo em 2016 foram catalogadas 1.698 comunidades com habitações precárias (mais de 20 novas surgem a cada ano). A atual crise econômica é apontada como principal causa para o crescimento das moradias irregulares na capital. Mas o fenômeno já vem sendo registrado há muito tempo.

O último Censo do IBGE (2010), já havia registrado um aumento de 55% nesse tipo de moradia em relação à verificação anterior, feita no ano 2000. Já a população que vivia nestas condições teve um aumento de 40% nos mesmos 10 anos. Parece ser uma tarefa impossível frear este crescimento (pelo menos no curto prazo).

O problema habitacional é um fenômeno que merece atenção tanto da Geografia como de outras ciências afins, mas principalmente dos governos, em todas as esferas (municipal, estadual e federal). Embora parte significativa do déficit habitacional - de 5,8 milhões de residências, (IBGE, 2010) - esteja concentrada em comunidades, entendemos que somente com a conjugação de diferentes programas e ações, será possível avançar na garantia de acesso à moradias dignas em todo o país.

Outro aspecto que notamos, dentro da temática relacionada as comunidades é a maior presença da figura humana em situações de pobreza, nas fotografias dos LDG's dos anos 1980 em diante. Como nas Fotografias 6 e 7, dos LDG's de Guiomar de Azevedo e Ana Maria Mendes e de Melhem Adas.



Foto: Juca Martins/Pulsar Imagens

Fonte: *Geografia*, 1º grau, 1996.

Fotografia 6. Crianças na comunidade de Heliópolis – São Paulo



Foto: Juca Martins/Pulsar Imagens

Fonte: *Geografia: a América*, 1º grau 1984.

Fotografia 7. Crianças na comunidade – São Paulo

Mas estas Fotografias sempre tendem para enquadramentos com cenários deprimentes: esgotos a céu aberto, moradias precárias, crianças aparentemente sem escola e adultos sem trabalho. Este padrão de fotografias engessa outras formas de enxergarmos a vida nas comunidades. Estas fotografias nos impedem de ver outras realidades, além daquela retratada. Portanto “a Geografia que funcione somente fortalecendo e repetindo estas imagens, nos faz reprodutores de discursos e posicionamentos que podem vir a imobilizar nossas possibilidades para com o espaço geográfico” (FIRMINO; MARTINS, 2017, p. 106).

Foi a partir dos anos 1990, que as imagens retratando as pessoas junto aos espaços urbanos esquecidos, se tornaram mais comuns nos LDG's. Como esta 8, (do livro de Celso Antunes).



Foto: Laurení Fochetto

Fonte: *Geografia e participação*, 1º grau 1986.

Fotografia 8. Moradia improvisada debaixo de um viaduto em São Paulo

A partir do ano 2000 estas imagens se tornaram efetivas nos LDG's, já não causam tanto impacto como a trinta anos atrás. Os alunos não estranham mais os acontecimentos que marcam a nossa sociedade, “[...] não se altera nem mesmo o comportamento ao andar pelas ruas e enxergar um ser humano mergulhado na lixeira procurando o que comer. A ausência desse estranhamento revela a ausência da reflexão e das relações tecidas entre os acontecimentos” (COSTELLA, 2013, p. 63).

Se estas fotografias nos LDG's da década de 1980, podem ter causado espanto ou até chocado alguns leitores, hoje as aceitamos como parte da nossa realidade urbana, pois além de aparecerem em grande quantidade nos LDG's, as comunidades podem ser vistas toda noite nos tele-jornais, nas revistas e notícias da internet, ou da janela do ônibus ou do nosso carro, quando passamos por estes locais. É papel do professor de Geografia estimular o aluno ao questionamento, levando o aluno a reflexão crítica sobre as questões sociais e espaciais do nosso país.

Como esta Fotografia 9, do livro de Igor Moreira, que mostra um senhor idoso e uma criança, em uma comunidade sem rua pavimentada e nem calçada, na periferia de Ilhéus na Bahia.



Foto: Cristina Villares/Angular

Fonte: *Geografia Nova: o espaço brasileiro* – Ensino Fundamental, 2000.

Fotografia 9. Criança e idoso em uma comunidade de Ilhéus

Por que nunca é mostrado algo positivo das comunidades, como o interior das casas (muitas bem organizadas e limpas), nem crianças com roupas novas ou de uniforme indo à escola. Será que estas cenas não existem?

Notamos que além das temáticas sociais e ambientais presentes na maioria das fotografias dos LDG's, começaram a aparecer nos livros mais atuais (ano 2010 em diante), um maior número de fotografias de comunidades, demonstrando a importância, cada vez mais urgente, de discutirmos no ambiente escolar a questão das comunidades em nosso país.

E esta compreensão sobre as comunidades passa primeiramente por um entendimento mais profundo dos seus conceitos. Precisamos construir estes conceitos, dados e argumentos que permitam a devida compreensão destes territórios esquecidos de acordo com outras referências, que não as hegemônicas, onde os moradores são vistos como pobres/miseráveis e que fazem pouco para mudarem de situação.

Trata-se, então, em primeiro lugar de desconstruir os pressupostos de ausência, carência, precariedade, conformismo e inatividade, que norteiam os olhares tradicionais sobre esses territórios e seus moradores. É preciso criarmos novas estratégias de pensamentos e ações nestes tempos difíceis que vivemos no nosso país.

O conceito deste espaço na visão hegemônica, traz na sua raiz discriminações e limitações de toda ordem: localizadas em terrenos elevados ou planos, reunindo centenas, milhares ou dezenas de milhares de moradores, com diferentes equipamentos, serviços e mobiliários urbanos, sendo constituída por casas e/ou apartamentos, com diferentes níveis de violência e presença do poder público, além das variadas características ambientais, as comunidades constituem-se como territórios com paisagens razoavelmente diversificadas. Mas essa diversidade é ignorada.

Segundo Silva (2011, p. 50), as comunidades são espaços com múltiplas demandas, obviamente, como outros territórios da cidade. Todavia, as explicações centradas nas

carências, irregularidades, ausência de equipamentos e serviços urbanos deixam de lado, em primeiro lugar, as inúmeras formas de solidariedade, inovação, criatividade e paisagens; em segundo lugar, revelam a representação daqueles territórios plurais como um fenômeno isolado, na/da cidade, e não como parte inerente ao processo de desenvolvimento histórico das metrópoles brasileiras.

Precisamos ver as comunidades como vemos outros espaços, com possibilidade da existência da multiplicidade, da pluralidade, da coexistência da heterogeneidade, do respeito às diferenças, com um olhar centrado também nas suas positivities.

CONCLUSÕES

As comunidades são espaços de produção cultural inovadora onde valoriza-se a busca de soluções criativas, apoiadas na coletividade e na solidariedade, em um mundo social dominado por uma lógica centrada no individualismo e no poder do mercado de regular as relações sociais. São inegavelmente parte das nossas cidades. Hoje o que falta aos seus moradores não é mais educação, saúde, moralidade, o que falta acima de tudo, para estes trabalhadores urbanos; que buscam sustentar sua família e quando possível ascender socialmente de forma digna; são mais oportunidades. Paradoxalmente as comunidades sempre estiveram ali bem visíveis no alto dos morros e na beira dos rios e córregos das cidades, mas quase não apareciam fotografias com esta temática nos LDG's da época (FREISLEBEN, 2018, p. 133).

Se faz necessário a reflexão sobre outras questões importantes: como nós professores estamos utilizando estas fotografias em sala de aula? Quais outras possibilidades de utilização criativa teriam as fotografias no espaço escolar, nas nossas aulas de Geografia, além de sua função informativa a respeito do espaço geográfico?

As fotografias nos LD's seriam as imagens por onde os estudantes lembrariam dos assuntos e conceitos – locais – estudados anteriormente e exigidos para a aprovação. Esta maneira de entrar em contato com as fotografias restringem-nas, fazendo-as ser pouco mobilizadoras do pensamento dos estudantes no ambiente escolar. É fundamental que encontramos nas fotografias dos LDG's, sentidos e significados que não sejam definitivos e estáticos, mas mutáveis, questionadores, transformadores, que tragam sensações e estimulem pensamentos, que abram novos horizontes, novas formas de vermos a cidade e seus moradores.

Nas nossas análises das fotografias dos LDG's buscamos sempre ver estas imagens com um olhar reflexivo, submetendo estas fotografias a dúvida e ao questionamento, perguntando-nos: que potências poderiam emergir dessa desconstrução? Poderíamos encontrar a resposta na aposta de que a fotografia quando desvinculada da função de somente ilustrar algo, poderia revelar novos potenciais no ensino de Geografia. Neste sentido, procuramos arrancar a linguagem fotográfica da zona de conforto a que está submetida nos LD's, ao ser vista somente como documento de uma realidade pré-existente ao ato de fotografar, livre de interpretação.

Como a sociedade contemporânea está saturada de imagens visuais, é difícil imaginar como os LDG's atuais seriam sem fotografias. O trabalho do professor se tornaria mais árido e o interesse dos alunos pela disciplina seria muito menor, pois as fotografias ajudam a despertar a curiosidade tornando as aulas mais significativas para os alunos, ampliando a leitura do espaço e a compreensão dos temas estudados.

Concluimos que muitas vezes são veiculadas nos LDG's certas fotografias do espaço urbano, na qual alguns grupos sociais ganham mais visibilidade e outros são esquecidos,

tornando-se praticamente invisíveis (como as comunidades). Este regime de visibilidade pode ser definidor de como o espaço urbano deve ser organizado, amplificando aquilo que deve ser visto, com o objetivo de classificar, hierarquizar e ordenar este espaço. Por isso um dos desafios dos professores de Geografia é ajudar o aluno a ter um olhar mais amplo, para que ele consiga ver além do imediato, além daquilo que está visível.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rafael G. de. **Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço**. Tese (Doutorado) PPG-UFRJ: Rio de Janeiro, 2016.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, Brasiliense 1994.
- COSTA, Antonio. C. de S. **Qual a alimentação que usa a classe pobre do Rio de Janeiro e sua influência sobre a mesma classe**, Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1865.
- COSTELLA, Roselane Z. Movimentos para (não) dar aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (orgs.) **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.
- FIRMINO, Larissa C.; MARTINS, Rosa E. M. W. Imagens-clichês e Livros Didáticos: reflexões para o ensino de Geografia. In: TONINI, Ivaine M. (Org.) [et al.]. **O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- FREISLEBEN, Alcimar Paulo. **Fotografias que revelam o espaço urbano nos livros didáticos de Geografia**. Tese (Doutorado) – UFRGS, Instituto de Geociências, POSGEA: Porto Alegre, 2018.
- FREISLEBEN, Alcimar Paulo; KAERCHER, Nestor A. A linguagem fotográfica como recurso metodológico no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, UFU: Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 114-130, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br>. Acesso em: 17 ago. 2019.
- FREISLEBEN, Alcimar Paulo; FRANCISCHETT, Mafalda N.; PREZENTE, Wellington L. Educação ambiental registrada e veiculada na Praça Central. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS-ENG, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: AGB, 2010.
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais–1872/2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 out. 2018.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- SANTOS, Eliete M. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 33-45, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 02 out. 2017.
- SILVA, Jailson de S. Favelas: as formas de ver definem as formas de intervir. **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 47-57, jun. 2011. Disponível em: http://www.propipi.uff.br/revistaeconomica/sites/default/files/Favelas_As_formas_de_ver_definem_as_formas_de_intervir.pdf. Acesso em: 09 nov. 2015.
- SILVA, Renata M.; MOURA, Jeani D. P. O uso da fotografia no ensino de geografia. In: ASARI, Alice Y.; ANTONELLO, Ideni T.; TSUKAMOTO, Ruth Y. (org.). **Múltiplas**

geografias: ensino, pesquisa, reflexão. Londrina: Humanidades, 2004. p.175-190.

SIMAN, Lana M. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, Paulo A; et al. (orgs.). **Ensino de história e educação**. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2004.

THEVES, Denise W. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne:** geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos. Tese (Doutorado) – UFRGS, Instituto de Geociências, POSGEA: Porto Alegre, 2018.

TONINI, Ivaine M. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia. **Mercator**, ano. 2, n. 4, 2003.

VAZ, Lilian F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos: a modernização da moradia no Rio de Janeiro. **Análise Social**, v. 29, n. 127, p. 581-597, 1994.

Livros didáticos de Geografia

ADAS, Melhem. **Geografia:** a América, 1º grau. São Paulo: Moderna, 1984.

ADAS, Melhem. **Brasil, sociedade e espaço**, 2º grau. São Paulo: Moderna, 1991.

ANTUNES, Celso. **Geografia e participação**, 1º grau. São Paulo: Scipione, 1986.

AZEVEDO, Guiomar G.; MENDES, Ana Maria B. **O espaço mundial:** o mundo desenvolvido, 1º grau. São Paulo: Moderna, 1996.

CASTELLAR, Sonia M. V; ZAMBONI, Ernesta. **Geografia**, 2º ano, ensino fundamental. São Paulo: Saraiva, 2001.

MAGNOLI, Demétrio; ARAÚJO, Regina. **Geografia**. São Paulo: Moderna, 1992.

MOREIRA, Igor A. G. **O espaço geográfico**, 2º grau. São Paulo: Ática, 1981.

MOREIRA, Igor A. G. **Geografia nova:** o espaço brasileiro, ensino fundamental, 2000.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João C. **Geografia e cidadania:** ensino fundamental. São Paulo: Scipione, 2009.

VESENTINI, José W. **Brasil sociedade e espaço:** ensino médio, São Paulo: Ática, 1991.